



USP ESALQ – ACESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Veículo: A Província

Data: 22/02/2012

Link: <http://www.aprovincia.com/>

Caderno / Página: - / -

Assunto: Churrasco de capivara

Churrasco de capivara

- Texto publicado originalmente em 22-11-2002

Há alguns anos, um secretário municipal resolveu fazer um churrasco com animais do Zoológico. Eram catetos. E confesso minha ignorância: nunca entendi bem essa história de catetos. Para uns, eram catetes, caititus. Para mim, eram porcos, vá lá que fossem porcos do mato, sei lá eu. O fato é que os catetos se transformaram em churrasco para o secretário municipal e seus amigos, uma festa de arromba num dos canchos à beira rio. A comilança terminou em processo, mas que a maçada se divertiu, divertiu-se. Piracicaba era uma festa. Às vezes, proibida para menores, mas festa.

Lembro-me dos catetos - ou catetes ou caititus ou apenas porcos do Zoológico - diante da celeuma em torno das capivaras da Agronomia. Quase sempre, espanto-me com a vitalidade dos ambientalistas e as rixas sem fim com os que ousem um mínimo arranhão na mãe-natureza e seus rebentos. Já vi mobilizações formidáveis para se preservar uma única árvore, desfiles e passeata em defesa de todos os animais do planeta, de focas a micos, de papagaios a lontras. Ainda recentemente, a Gisele - a nossa bela modelo com nome alemão que não sei escrever - passou por vexame internacional diante da manifestação dos ambientalistas, que a vaiavam por causa de roupas confeccionadas com peles de animais. É um pessoal de uma atividade impressionante. E com uma disponibilidade de tempo quase inacreditável, que bom!

Trata-se, pois, de uma nova consciência nacional, essa da preservação ambiental. Pena, porém, que se esqueça de que o homem faz parte da ecologia. Ou melhor: preserva-se para alguns apenas, ou para supostas novas gerações, evidentemente formadas por sobreviventes. Ao lado de uma árvore preservada, por exemplo, pode estar um pobre diabo deitado, morrendo de fome ou doente, que ninguém se importa com ele. É como se o miserável atrapalhasse a paisagem, o ambiente. Crianças, aos milhares, estão esqueléticas no Nordeste brasileiro, mas não há ambientalistas preocupados com elas. Aliás, nem o próprio Presidente da República, o atual, sr. Fernando Henrique Cardoso, quase ia escrevendo Fernando Collor, pois as semelhanças se vão tornando cada vez mais evidentes. Pois foi o Presidente Fernando Henrique quem, recentemente, falou textualmente: "não há fome no País. Apenas alguns casos raros." Ele deveria estar referindo-se à Suécia, mas ainda não foi nomeado rei daquela monarquia. Quem sabe, um dia?

Retornando, porém, às capivaras, há que se dirimir a dúvida levantada e preciso será que alguém arbitre a questão conflituosa entre o pessoal do IBAMA e da ESALQ, e o pessoal ambientalista. Aqueles querem o abate de capivaras, regulando a superpopulação. Seria, como haveria de falar o nosso saudoso Geraldo Nunes, "genocídio de capivaras", como, para ele, houve um "genocídio de peixes". Por outro lado, os ambientalistas querem apenas cuidar dos carrapatos, usando remédio para matar os coitadinhos. Eis aí a questão puramente darwiniana: não se pode matar capivaras, mas deve-se matar carrapatos. É o "struggle for life", a lei da selva, a lei do mais forte.

Preciso seria uma decisão salomônica. Sugiro-a. Reúnam-se populações com fome, matem-se capivaras, faça-se churrasquinho delas. Eis aí a justificativa moral que ambientalistas precisam para concordar com o abate dos bichinhos: morreram para dar vida a algumas pessoas. E dizem que churrasquinho de capivara, além de tudo, é saboroso. Bom dia.